

Com o tema “Fraternidade: Igreja e Sociedade” e o lema “Eu vim para servir” (cf. Mc 10,45), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lança a Campanha da Fraternidade (CF) 2015. Visa orientar os cristãos católicos, e todos que aderirem à Campanha, a viverem sua vocação e missão de modo a contribuírem para a formação de uma sociedade justa, fraterna e solidária, que seja sinal do Reino de Deus. A CF 2015 sustenta-se nas orientações do Concílio Vaticano II (1962-1965) que estabelecem uma forte e estreita relação entre Igreja e Sociedade, sobretudo nos documentos Lumen Gentium e Gaudium et Spes.

Com esses dois documentos, lidos no contexto de todo o ensino conciliar, busca-se uma renovação da Igreja, em seu ser e agir, de modo a melhor responder às exigências da evangelização em nossos dias. O ponto central é a compreensão da Igreja como Povo de Deus, e da sociedade como o lugar onde a Igreja vive e realiza a sua vocação como Povo. Igreja e sociedade vinculam-se intrinsecamente. Em analogia à encarnação do Verbo em Jesus de Nazaré, a Igreja está inserida na sociedade e a assume como o lugar concreto do testemunho do Evangelho. Por outro lado, a sociedade está na Igreja no sentido de que esta se configura a partir dos elementos sócio-culturais do seu meio. A sociedade oferece à Igreja as condições existenciais concretas para a compreensão e vivência do Evangelho. Igreja sem sociedade é abstração da vivência da fé, um espiritualismo estéril, que não aproxima a vida dos cristãos de hoje da vida do Jesus histórico, concretamente comprometido com o seu ambiente e seu tempo. Sociedade sem Igreja é afirmação de um secularismo que não considera o valor da dimensão religiosa e espiritual da vida humana.

O elemento mediador, e simultaneamente a razão maior, da relação entre a Igreja e a Sociedade, é o Reino de Deus. É o Reino a razão de ser da Igreja e da sua relação com a Sociedade. O Reino acontece na Igreja e na Sociedade, concomitantemente. Cabe à Igreja a missão de identificá-lo, explicitá-lo e possibilitar sua realização em si e para fora de si. E é para servir ao Reino que a Igreja se insere no meio social, ali discernindo, conservando e promovendo tudo o que possibilita



a vivência do Reino de Deus. Eis a importância do lema da CF 2015: “Eu vim para servir”. A exemplo de Jesus Cristo, a Igreja coloca-se a serviço da sociedade como lugar do acontecimento do Reino. Por isso a Igreja é parceira, companheira de caminhada, com postura de diálogo e disponível para o serviço.

Isso não acontece sem tensões, seja porque a Sociedade apresenta desafios para a vivência da fé cristã, seja porque a Igreja nem sempre consegue estabelecer uma positiva relação com a Sociedade. Para a superação dessa tensão, muito contribui o atual pontificado do papa Francisco, ao mostrar que é necessária uma Igreja atualizada para a Sociedade atual. Urge uma Igreja que vive “A alegria do Evangelho” no mundo atual. Trata-se de “uma Igreja em saída” (EG 20-23) para as “periferias humanas”, “existenciais” e sociais; uma Igreja que sabe “primeirar”, envolver-se, frutificar e festejar (EG 24), tomando a iniciativa do serviço, da caridade e da justiça; uma Igreja “não auto-referenciada”, não narcisista nem egocêntrica; uma Igreja que se entende em conversão e renovação nas estruturas, na linguagem e no método pastoral (EG 25-26). Trata-se de “uma renovação inadiável” (!) (EG 27-33), para que o Evangelho seja melhor compreendido e acolhido pelas pessoas de hoje e seu meio. Enfim, uma Igreja que seja “mãe de coração aberto” (46-49), que sabe “olhar nos olhos e escutar ... acompanhar quem ficou caído à beira do caminho”.... acolher “como o pai do filho pródigo” (EG 46). A Igreja não existe para julgar, condenar, excluir: “Todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer” (EG 47).

Não é, portanto, uma Igreja que só tem a ensinar. É uma Igreja humilde, que sabe também aprender. E frente à complexidade das questões sócio-culturais e religiosas do nosso tempo, “nem o papa nem a Igreja possuem o monopólio da interpretação da realidade social ou da apresentação de soluções para os problemas contemporâneos” (EG 184). Saber falar implica em saber ouvir, de modo que dialogar, saber relacionar-se, deve ser uma característica fundamental da Igreja. Isso possibilita uma interação entre as instâncias internas da Igreja e desta com os diferentes setores sociais que buscam contribuir para uma Igreja e uma Sociedade melhores. Essa interação se faz com a participação efetiva de todos, de modo que “não se deve esperar do magistério papal



uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo” (EG 16).

Quão importantes são essas orientações para uma justa relação tanto entre as diferentes instâncias internas da Igreja, quanto para a relação entre Igreja e Sociedade. Que venha a nós esta tua Igreja, Senhor!

Como acontece todos os anos, a Campanha da Fraternidade é realizada no período quaresmal, com a finalidade de ajudar no processo de conversão que nesse tempo litúrgico se promove pela intensificação da prática da oração, da caridade e da penitência. A CF 2015 quer ajudar a compreender que a verdadeira conversão não consiste apenas em qualificar a vivência religiosa individual. Ela implica, também, em qualificar a existência coletiva, na comunidade de fé e na Sociedade, segundo os critérios da caridade, da verdade e da justiça evangélicas. Não se é cristão apenas porque se pertence à Igreja. O ser cristão se caracteriza por um modo peculiar de viver na Sociedade, pela prática da solidariedade e da justiça, pelo espírito fraterno e pacífico, que promove o bem comum, defende e afirma a vida plena em abundância (cf. Jo 10,10).

A conversão, que se expressa numa justa relação entre vida eclesial e social, leva a superar as tendências sociais e religiosas que contradizem a vida cristã, como o egoísmo, o orgulho, o individualismo, a injustiça, a desonestidade, a corrupção..., etc. Há males pessoais e coletivos, espirituais e estruturais que precisam ser erradicados do nosso meio, para que aí de fato aconteça a experiência do Reino de Deus.

Este número da revista Encontros Teológicos quer ajudar nossos leitores, nossas comunidades eclesiais e a sociedade como um todo, a bem viverem a CF 2015. Vitor G. Feller faz uma reflexão sobre os “Atuais desafios da relação entre Igreja e Sociedade, à luz do concílio Vaticano II”; Adriano Lima, sobre “Reino de Deus e missão na sociedade plural”; Ivo Poletto, sobre “A Igreja a serviço do Reino no século XXI”; Nelito N. Dornelas, sobre “Diálogo entre Igreja e Sociedade a partir das Semanas Sociais”; Ney Brasil Pereira, aprofunda o lema bíblico da CF: “Eu vim para servir”; Celso Loraschi propõe uma reflexão bíblica sobre a relação “Igreja, Sociedade e Profecia”; Armando R. C. Acquaroli, sobre “Felizes os pobres (Mt 5,3), um convite à libertação”; Felipe G. Koch Buttelli, propõe um debate sobre “De ocupações e teologias; desafios públicos à Teologia”; Aleksandra David et al., apresentam a “Companhia das Filhas



da Caridade: memória, carisma e missão”; *Edegar Fronza Jr.*, *discorre sobre “Arendt e Kant: banalidade do Mal e Mal radical”*. *E ainda, fora do tema monográfico, José A. Besen, sobre “Dom Joaquim Domingues de Oliveira e Dom Afonso Niehues”*. *E, por último, o artigo do teólogo italiano Andrea Grillo “Lineamento do Sínodo de 2015: uma metapergunta e três critérios gerais”, publicado originalmente em seu blog e que aqui reproduzimos a partir do site Humanitas, da Unisinos. Seguem, ainda, recensões e crônicas.*

É nossa expectativa que este número de Encontros Teológicos ajude a bem vivermos este tempo quaresmal num esforço pessoal, social e eclesial de conversão efetiva, como proposto pela CF 2015. E que possamos estabelecer e desenvolver uma relação tal entre Igreja e Sociedade que seja capaz de expressar o Reino que em ambas se manifesta.

Elias Wolff